

FRIEDLÄNDER, Saul. **Nazi Germany and the Jews, 1933-1945**. Nova Iorque: Harper, 2009.

Pedro Paulo Abreu Funari
Doutor em Arqueologia – USP
Professor Titular - Unicamp

Saul Friedländer, catedrático de História da Universidade da Califórnia em Los Angeles, tem se dedicado, há tempo, ao estudo da História Contemporânea e, em particular, à Alemanha nazista e a perseguição aos judeus. Ganhador de diversos prêmios, o historiador nascido na década de 1930 em Praga, em família judia de idioma alemão, viveu a infância na França e enfrentou a ocupação. Após a Segunda Guerra (1939-1945), imigrou para Israel e desde o final da década de 1980 é professor na Califórnia. Este volume é uma versão resumida do original que ganhou o prêmio Pulitzer, resultado do belo trabalho de Orna Kenan, e que permite o acesso mais amplo à obra.

Logo na introdução de Kenan, o leitor é apresentado à tese de Martin Broznat, do Instituto de História Contemporânea de Munique, de que até o final da guerra a população alemã nada sabia sobre a Solução Final (o extermínio de judeus e outros povos) e que deveria ser considerado um período normal da História alemã e europeia. Friedländer questionou a noção de normalidade e apontou que o antissemitismo era popular (*völkisch*) e, para isso, examinou, em detalhe, a documentação referente ao período em que o nazismo controlou o estado alemão, a partir de 1933. Fica claro que as restrições aos judeus foram crescentes, atingindo, também de maneira cada vez mais intensa, os chamados mestiços (*Mischlinge*), como quando em 15 de abril de 1937 os doutorandos de sangue judeu não poderiam defender suas teses. A radicalização, contudo, ocorreu a partir de 1938, com a anexação da Áustria e o estabelecimento de um modelo de ação contra os judeus que antevia a solução final. A Noite dos Cristais e a intensificação à perseguição foram consequências imediatas.

Friedländer pondera que de 1933 até o início da Guerra, em 1939, não havia uma agitação popular de massa para expulsar os judeus da Alemanha, ou mesmo um ímpeto em direção a ações violentas contra eles. Mas, por outro lado, a maioria dos alemães preferia não olhar para essa questão e havia mesmo grande entusiasmo pela construção de uma

Volksgemeinschaft (comunidade popular), como aponta o historiador alemão Norbert Frei. A situação mudou a partir de setembro de 1939, com uma política de terror imposta a partir do início da ocupação da Polônia e o início formal da guerra na frente ocidental. A partir daí, a erradicação foi sistemática dos doentes mentais, ciganos e vários grupos raciais que se mesclavam ao povo alemão (*Volk*), como os homossexuais, criminosos e outros, com o envio sistemático para campos de concentração. Instituições médicas foram também usadas para organizar o extermínio nos campos. A sistemática consistia em identificar, segregar, expropriar, concentrar, emigrar ou expulsar. O cinema foi usado para ativar a sensação de que os judeus, assim como outros grupos humanos, eram maldosos e deveriam ser eliminados. Este foi o caso de *Jud Süß*, ganhador do leão de ouro no Festival de Veneza de 1940, tendo sido aclamado como grande obra por um jovem crítico, Michelangelo Antonioni, a despeito de ser um filme racista ao extremo.

Friedländer identifica a decisão de exterminar todos os judeus (Solução Final) no último quartel de 1941. Diante da nova guerra mundial, Hitler estava determinado a eliminar o inimigo interno que ele considerava responsável, ademais, pela derrota da Alemanha na Grande Guerra (1914-1918). De janeiro de 1942 a maio de 1945 houve, portanto, a Shoah (Holocausto). A assembleia de cardeais e arcebispos franceses reunidos em Paris em 21 de julho de 1942 escreveu uma carta para o Marechal Pétain, governante da França controlada pelos nazistas, contra as prisões de israelitas e em defesa dos direitos humanos, assim como houve outras manifestações semelhantes. O historiador alemão Hans Mommsen mostrou que a morte em câmara de gás era conhecida inclusive pela oposição alemã, que, mesmo assim, não conseguia conceber um lugar para os judeus numa Alemanha pós-nazista.

O volume pode ser considerado uma contribuição historiográfica substancial para o conhecimento das políticas racistas durante o período nazista e contém indicações relevantes também para outros contextos ditatoriais, em particular. Assim, o papel desempenhado pela propaganda e pelos meios de comunicação foi fundamental para que os judeus e outros grupos humanos fossem considerados por muitos como perigosos e que deviam ser expulsos ou eliminados. Além disso, mesmo aqueles que, em circunstâncias tão difíceis, conseguiam lutar contra o regime nazista não eram capazes, muitas vezes, de vislumbrar a convivência com a diferença, mesmo após o fim do regime ditatorial. Para além dos períodos autoritários, também em democracias pode haver políticas de classificação racial e atitudes discriminatórias, propagadas pelos meios de comunicação. A leitura desta

FRIEDLÄNDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews, 1933-1945*. Nova Iorque: Harper, 2009 – por Pedro Paulo Abreu Funari

obra é de interesse, portanto, não apenas de historiadores, como de todos que se preocupam com os destinos das sociedades contemporâneas.

Recebido em: 16/12/2011
Aprovado em: 04/05/2012